 Tempo de leitura: 8 min.

Malta, terra abençoada pelo apóstolo Paulo, é uma ilha situada no coração do Mar Mediterrâneo, entre a Europa e o Norte da África. Ao longo dos séculos, acolheu a influência de numerosas culturas, que enriqueceram seu charme. Este pequeno Estado, um dos mais densamente povoados do mundo, abriga os Salesianos de Dom Bosco desde 1903, comprometidos com paixão na educação dos jovens. Entrevistamos o P. Eric, nomeado recentemente para liderar a comunidade salesiana de Malta.

Poderia se apresentar?
Meu nome é P. Eric Cachia; nasci em 4 de agosto de 1976 em Malta. Sou o primogênito de três filhos: tenho duas irmãs mais novas e duas adoráveis sobrinhas. Estudei na escola primária da minha cidade, ħaż-Żebbuġ, por seis anos. Durante o último ano, era necessário fazer um exame para acessar a escola desejada. Sonhava em entrar no seminário menor, mas para fazer minha mãe feliz, também fiz o exame para o ensino médio e outro para o Savio College, a escola salesiana, da qual na época eu quase não sabia nada e que inicialmente não desejava frequentar. Fiz aquele exame contra a minha vontade, mas os planos de Deus quiseram que eu fosse admitido pelos Salesianos.

Após sete anos de estudo, obtive o diploma de maturidade e iniciei o Noviciado em Lanúvio, perto de Roma, fazendo os primeiros votos religiosos nas mãos do recém-eleito Reitor-Mor, P. Juan E. Vecchi, no Sagrado Coração de Roma. Eu era o mais jovem do grupo: tinha apenas 19 anos. De volta a Malta, obtive um Bacharelado em Filosofia e Sociologia e, posteriormente, fiz dois anos de estágio como responsável pelo Oratório em Tas-Sliema.

Para os estudos teológicos, mudei-me para Roma, frequentando a Universidade Pontifícia Salesiana (UPS) e vivendo na comunidade do Gerini. Fui ordenado diácono em 2004 e continuei minha formação em Dublin, na Irlanda, obtendo um Mestrado em *Desenvolvimento Holístico no Ministério da Pastoral Familiar*. De volta a Malta, em 21 de julho de 2005, junto com outros nove religiosos e diocesanos, fui ordenado sacerdote.

Minha primeira obediência foi ser responsável pelo Oratório em Tas-Sliema e ecônomo da comunidade. Após alguns meses, fui nomeado delegado para a

Pastoral Juvenil no Conselho da Delegação de Malta. Ocupava esse cargo há um ano antes de ser nomeado ecônomo da Delegação, função que exerci por 10 anos e, posteriormente, por mais 6 anos quando, em 2018, Malta se tornou uma Visitadoria.

Enquanto isso, também ocupei outros cargos: diretor do “Savio College”, acompanhante na formação do pós-noviciado de Malta por seis anos e, por quatro anos, assistente coordenador da Associação das Escolas Católicas em Malta. Para responder às necessidades pastorais, obtive um Mestrado em Psicoterapia Sistêmica e da Família e fui eleito secretário do Comitê da Associação Nacional de Psicoterapia em Malta. Em 2017, tornei-me diretor do St. Patrick’s, uma realidade que inclui uma escola, um internato e uma igreja pública, além do cargo de diretor da escola. Finalmente, em dezembro de 2023, fui nomeado Inspetor, cargo que assumirei a partir de julho de 2024.

O que sonhava quando era criança?
Aos 7 anos, tornei-me coroinha e ainda hoje não consigo explicar a experiência vivida durante minha primeira Missa como ministro. Senti uma presença de amor no coração que me convidava a me tornar sacerdote. Já em casa, brincava de “imitar o padre” e, na escola, apesar das tensões entre a Igreja e o Estado da época, frequentemente debatia sobre temas religiosos.

O desejo de me tornar sacerdote incluía o de dar voz a quem não a tinha. Gostava de escrever histórias, falar em público e organizar eventos. Com apenas 14 anos, por exemplo, já organizava passeios para os coroinhas.

Qual é a história da sua vocação?
Minha vocação nasceu do encontro com vários sacerdotes que considerava modelos de vida. No entanto, foi na escola salesiana que encontrei nova energia: lá descobri talentos ocultos e vivi experiências que me fizeram sentir parte de uma grande família. Nesse contexto alegre e estimulante, o Senhor falou ao meu coração.

No último ano escolar, percebi que meu caminho seria o salesiano. Após um ano de discernimento e diálogo com minha família e um sacerdote, encontrei paz na decisão: “Eu me dou para os jovens do futuro. Serei salesiano para levar adiante o que recebi”.

Uma historieta curiosa me foi contada pela minha avó paterna quando eu já estava próximo do diaconato. Meu pai era um dos 18 filhos de uma família numerosa e

modesta. Um salesiano inglês, P. Patrick McLoughlin, conhecido por sua fama de santidade, costumava, após a missa, chegar até as freiras para levar uma fatia de bolo para a avó. À noite, voltava com sobras de refeições para ajudar a alimentar a família em dificuldades. Um dia, a avó lhe perguntou: “Como posso retribuir tanta bondade e providência?”. Ele respondeu: “Você apenas reze: quem sabe, talvez um dos seus filhos se torne salesiano”. Entre 51 primos, fui o primeiro – e um dos dois – a escolher a vida religiosa... e salesiana.

Qual a reação da sua família?
Minha família sempre me deu grande apoio. Meus pais nunca impuseram suas ideias, mas sempre tentaram apoiar minhas decisões. Meu pai era pedreiro e minha mãe dona de casa. A simplicidade e a união familiar estavam entre os valores mais fortes que nos caracterizavam. Faziam sacrifícios que só na idade adulta compreendi como expressão de um amor vivido de forma concreta. Não foi fácil deixar a cidadezinha e iniciar meu caminho aos 18 anos, mas hoje meus pais estão orgulhosos e, de certa forma, eles também fazem parte da Família Salesiana. Há mais de 30 anos, preparam refeições para os jovens durante os acampamentos de verão. Quem sabe quantas vezes meu pai, apesar de ser analfabeto, falou com a sabedoria do coração para algum jovem ou pai. E quantas vezes enviaram panfletos em nível inspetorial para apoiar nossas obras salesianas!

A alegria mais bonita e o maior esforço
Existem muitas alegrias que se guardam no coração, mas uma das maiores é quando encontro um ex-aluno e ele me diz: “Em você, encontrei o pai que nunca tive”. Viver plenamente a própria vocação também significa oferecer o que poderia ter sido igualmente belo, como construir uma família. Isso implica, às vezes, ter que sofrer em silêncio por essa escolha oferecida. O maior esforço, por outro lado, é ver crianças que sofrem devido a guerras, violências e abusos... vê-las privadas da capacidade de sonhar com um mundo cheio de esperança e possibilidades. É igualmente difícil permanecer crível e otimista em um contexto de secularismo feroz que frequentemente consome as energias e tenta apagar o entusiasmo.

As necessidades locais e dos jovens
Malta vive uma realidade muito particular. Culturalmente, permanece profundamente católica, mas na prática cotidiana não é tão católica assim. Nos últimos anos, escolhas políticas voltadas principalmente para o fortalecimento da economia geraram uma crise profunda dentro das famílias. Muitos jovens crescem marcados pela falta de figuras de referência e de modelos que os acompanhem

com amor. Faltam pontos estáveis de orientação, e ao mesmo tempo, muitos jovens estão em busca de um novo significado para suas vidas. A fé, cada vez mais relegada à esfera privada, pode, no entanto, despertar interesse quando consegue falar uma linguagem que desafia e convida a mirar alto. Nesses casos, os jovens ficam felizes em se unir para viver experiências que pedem para ser acompanhados. Cerca de 20% da população, agora, não é mais maltesa. A economia, que atraiu pessoas de todo o mundo, está transformando o rosto da ilha. Muitos jovens não-malteses se sentem sozinhos, enquanto outros iniciam ou retomam um caminho de fé. Trata-se de novas fronteiras e formas emergentes de pobreza, marcadas por desafios psicoafetivos e problemas de saúde mental. Essas situações evidenciam a urgência de enfrentar o isolamento, a precariedade e as carências relacionais que caracterizam essa realidade complexa.

Os grandes desafios da evangelização

Tudo pode ser resumido em uma palavra: credibilidade. Os jovens, hoje mais do que nunca, não precisam de simples transmissores de conteúdos, mas de pessoas com corações autênticos e ouvidos capazes de ouvir o pulsar de corações em busca de um sentido para suas vidas. Eles precisam de educadores que saibam criar processos, acompanhantes que não temam mostrar sua fragilidade e seus limites, mas que sejam guias autênticos. Guias que proponham o que eles mesmos viveram: o encontro com Jesus como meta e chamado para cada pessoa. Um guia que conduza a redescobrir-se parte de uma Igreja a caminho para as periferias, pronta para abraçar e curar as feridas, antes mesmo de indicar o que deve ser feito. O verdadeiro desafio, pelo menos para a Europa, é encontrar jovens que tenham a coragem de apostar suas vidas em Jesus. Como emergiu durante o Sínodo, algumas estruturas, contextos e linguagens da Igreja não são mais incisivos. A isso se soma uma Igreja que, em alguns casos, parece cansada e distraída, muito concentrada na autopreservação. Essa situação reflete também a das famílias, que devem ser colocadas novamente no centro das prioridades em cada nação: são o futuro do Estado e da Igreja.

É por isso que os ambientes salesianos, com seu humanismo que valoriza o belo presente em cada pessoa, devem se propor não apenas como respostas imediatas, mas também como modelos para outros grupos e realidades. Talvez só hoje compreendamos que a alegria e a esperança de Dom Bosco vão muito além de simples emoções: são os fundamentos sobre os quais construir o relançamento de uma humanidade renovada e redimida por Cristo.

Como percebe o futuro?

Vejo o futuro com esperança. O presente que vivemos, segundo meu parecer, é marcado por inúmeras crises em várias frentes: diria que não poderia ser pior do que isso. Portanto, é um período de renovação; confiamos em Cristo neste tempo de purificação e transformação. Sim, existem desafios que certamente moldarão o futuro.

Que lugar ocupa Maria Auxiliadora na sua vida?
Quando criança, rezávamos diariamente o Rosário em família. No entanto, para mim, era talvez apenas uma prática de piedade popular. Com o passar do tempo, especialmente durante os anos como Salesiano, pude perceber o quanto essa mãe celestial está próxima de mim. Lembro de numerosos momentos em que, tomado pelas dificuldades práticas e preocupações relacionadas à pastoral, estava prestes a desistir. Mas Ela sempre intervinha no momento certo. A cada dia percebo como realmente "foi Ela quem tudo fez". Nutro um profundo afeto pela bênção de Maria Auxiliadora. Todas as manhãs, confio a Ela todos os jovens e os leigos colaboradores, mas especialmente aqueles que se encontram nas periferias da sociedade. Um ano atrás, na festa da Nossa Senhora de Guadalupe, compartilhei nas redes sociais uma frase que Maria disse a Juan Diego: "Não temas nada. Não sou eu, que sou tua Mãe? Não estás sob a minha sombra e proteção? Não sou eu a fonte da tua alegria? Não estás dentro do meu manto, no cruzamento dos meus braços? Precisas de mais alguma coisa? Não deixes que nada mais te preocupe ou te perturbe". Duas horas depois, recebo a ligação do Reitor-Mor e o pedido de aceitar ou não a nomeação como Inspetor.

O que diria aos jovens?
Para não desistirem! Repetiria as palavras do Papa Francisco dirigidas aos jovens em abril de 2024: "Levantar-se para ficar de pé diante da vida, não sentado no sofá. Existem sofás diferentes que nos atraem e não nos permitem levantar." Se apenas os jovens compreendessem que são a esperança de hoje e de amanhã, que são como sementes delicadas e frágeis, mas ao mesmo tempo ricas de infinitas possibilidades! Eu os exortaria a desafiar Cristo, mas também a permitir que Cristo os desafie: só assim se compreende que com Ele se constrói uma relação íntima com um Deus vivo, não com uma imagem moldada por medos ou ansiedades. Desafiaria aqueles jovens que já tiveram a experiência de Dom Bosco: é extraordinário se lançar no Coração de Cristo, doando a própria vida pelos jovens que virão. "Quem enviarei?", perguntou Cristo aos seus discípulos. Quem sabe muitos outros tivessem a mesma determinação: "Envia-me!"

P. Eric CACHIA, sdb
superior de Malta